

# A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director:

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Superintendente de Educação Elementar

REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil } um anno.... 12\$000  
                  } 6 mezes..... 6\$000

## SUMMARIO

Red.	— Francisco Vianna	Nelson Roméro	— A Universidade do Districto Federal
"	— Os tres turnos	Firmino Costa	— Ao findar o curso
"	— Expediente	Pedro A. Pinto	— Lingua materna
"	— A questão orthographica	Mestre Escola	— Tres palavrinhas
Maria do Carmo V. P. Neves	— A escola social e o problema da assistencia alimentar	Profas. da Escola Padre Antonio Vieira	— Pratica da Escola Nova

## FRANCISCO VIANNA

*A morte de Francisco Furtado Mendes Vianna foi uma dolorosa surpresa, que causou immenso e sincero pezar aos amigos, aos collegas, aos discipulos e a todos, enfim, que conheciam e, portanto, estimavam o grande educador.*

*Sabiam-no doente, mas ninguem podia imaginar que o seu organismo, tão acostumado a obedecer a uma vontade forte e disciplinada pelo sadio espirito, não resistisse mais.*

*Dois meses quasi durou a luta, que abateu, finalmente, aquelle que tantas victorias alcançara no bom combate contra a ignorancia e em favor da grande causa da educação popular no Brasil.*

*Francisco Vianna consagrou sua vida ao ensino inteiramente, desde a mocidade.*

*Professor, director do gymnasio de Campinas, inspector escolar, autor de excellentes obras didacticas ninguem lhe conhecia outra preocupação. Só cuidara de instruir e educar, preparando para a Patria, que elle tanto queria e pela qual expoz a propria vida, dias mais prosperos e mais felizes.*

*Foi um dos creadores desta revista, que se honrava de o ter, ainda, entre os seus collaboradores mais queridos.*

*Sua memoria e seu exemplo ficam, porém, vivos em nossa lembrança.*

## OS TRES TURNOS

O systema dos tres turnos de aulas foi adoptado, como medida de emergencia, para attender ao grande e rapido augmento que se verificou, nestes dois ultimos annos na matricula de nossas escolas.

Não obstante a creação de novas casas de ensino em predios amplos e especialmente construidos, não foi possível ainda á administração, extinguir, este anno, semelhante regimen, que provavelmente permanecerá por algum tempo mais.

Com o exercicio em taes escolas, os professores primarios perderam o dia de descanso na quinta-feira, mas tiveram, em compensação, o trabalho diario reduzido a tres horas apenas.

Com relação aos directores, porem, a situação é bem diversa, pois sem o descanso do meio da semana, foram-lhe sensivelmente augmentadas as horas de trabalho diario e bem accrescidas as suas responsabilidades, sem que lhes fosse concedida qualquer vantagem maior.

Tem succedido, frequentemente, a esses directores, soffrer descontos em seus vencimentos pelas faltas aque foram obrigados pela fadiga ou pela doença, muita vez, até, na propria quinta-feira, dia tradicionalmente consagrado ao descanso do mestre.

Ao illustre Dr. Anisio Teixeira, digno Director do Departamento de Educação, dirigimos o presente appello certos de que a seu brilhante espirito acudirá solução rapida e justa para o caso em apreço.

## A questão da orthographia

### O parecer do Consulor Geral da Republica a respeito

A imprensa divulgou, recentemente, o memorial que os presidentes de instituições culturaes do paiz dirigiram ao sr. Getulio Vargas, solicitando de s. ex. o restabelecimento do uso facultativo da orthographia simplificada na administração e no ensino, passando a mesma orthographia a ser preferida systematicamente nas publicações officiaes.

Encaminhado o assumpto no Ministerio da Educação, o sr. Gustavo Capanema solicitou o parecer do consultor geral da Republica, que ha dias apresentou o seu trabalho ao titular daquela pasta.

Nesse parecer, o sr. Francisco Campos examina primeiramente o art. 26 das Disposições Transitorias da Constituição e a these, sustentada alhures, de que a clausula "e que fica adoptada no paiz" se refere á Constituição e não á orthographia. Não está de accordo com essa interpretação. Submettendo o texto á analyse logica, demonstra que a expressão acima é attributiva de orthographia, dando o mesmo valor logico que a expressão "da de 1891" e, por isso mesmo ligadas entre si pela copulativa "e". Adoptar, ahi é vigorar, frisa o sr. Francisco Campos. E se referisse á Constituição, teriamos a redundancia de mandar vigorar uma Constituição que logo em seguida o proprio artigo 26º declara que entra a vigorar.

Que valor terá, porém, a expressão "o que fica adoptado no paiz?", pergunta o consultor da Republica. O de tornar immediatamente obrigatoria no Brasil a orthographia da Constituição de 1891? Seria uma insensatez. Uma orthographia, com effeito, não pode tornar-se de uso corrente por simples acção de um *fiat* legislativo. E' necessario, para tanto, um processo que se desenvolve no tempo, ou seja, o processo de sua adopção, constante dos meios technicos destinados a ensinal-a e diffundil-a. E conclue:

"A adopção constitucional da orthographia chamada etymologica, não significa, nem pode razoavelmente significar outra coisa do que a adopção do seu ensino, isto é, do processo destinado a conferir o seu conhecimento á aquisição dos habitos indispensaveis á sua adopção, á sua generalização ou seu uso no paiz".

Entretanto — pondera o sr. Campos — não sendo desde logo obrigatoria no paiz claro é que não o poderá ser nas repartições officiaes, pois abrigatoriedade nestas só poderia resultar da clausula constitucional que a declara adoptada no paiz, e nesta clausula não se contém nem pode conter-se outra exigencia a não ser a de que a orthographia etymologica seja objecto do ensino. E é nestes termos que conclue precisamente o parecer:

"O que o art. 26 das Disposições Transitorias da Constituição tornou obrigatorio, se da clausula da adopção resulta a obrigatoriedade da orthographia de 91, foi, e não podia deixar de ser, não o uso immediato da orthographia, mas a obrigatoriedade effectiva no paiz a sua adopção.

Considerando, por sua vez, a materia, o sr. Gustavo Capanema lembra que já foi autorizado pelo presidente da Republica a elaboração de um vocabulario onde seja feito precisamente o estudo a que se refere o sr. Francisco Campos e que é exigido para a passagem de um a outro systema orthographico, e do qual decorra naturalmente a possibilidade de estabelecer esse novo systema.

Esse trabalho, diz o sr. Capanema, será realizado pelo Ministerio da Educação. E antes que elle se complete, e, dada dificuldade de retorno immediato a um systema de normas precisas e determinadas, poderá ser attendida, em parte, a representação dos intellectuaes. Isto é, poder-se-á permittir, no paiz, e de maneira transitoria, o emprego da orthographia simplificada, até que elaborado o estudo já referido e decretada a sua officialização, seja possível, sem a confusão actualmente reinante, o uso geral e uniforme do antigo systema orthographico.

Despachado o processo, o presidente Getulio Vargas attendeu o pedido na forma dos pareceres.

## EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época, pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

As colleções dos annos anteriores são vendidas na mesma redacção ao preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernados. Os pedidos de colleções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

Pedimos a nossos assignates o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as comunicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

## A Escola social e o problema da assistência alimentar

O serviço de assistência alimentar, que representa uma das fórmulas de assistência á saúde, constitue, sem duvida, uma das modalidades mais interessantes da escola social.

Dependendo, em grande parte, a saúde da criança, de uma boa nutrição, não poderia a escola deixar de pensar na solução do magno problema da alimentação do escolar durante as horas em que permanece nas classes.

Da excellente constituição organica do individuo, depende, todos nós o sabemos, a sua maior ou menor resistencia ás enfermidades, sobretudo áquellas que se localizam no aparelho digestivo.

Convem, portanto, pensar, seriamente, no meio de attender ás necessidades reaes existentes, sem as fantasias literarias da execução de planos que, na pratica, são de impossivel realização, mormente nas escolas de dois e tres turnos, onde a exiguidade do tempo não dá margem para praticas que não conduzam a um resultado immediato.

Devendo a escola integrar-se á vida, como complemento della, certo que precisamos bem aproveitar todas as oportunidades como «fins educativos»; mas sem que os «meios» empregados sejam transitorios, (mórmente quando se trate da defesa da saúde) e antes se afirmem no «modus faciendi» do serviço.

Não seremos nós quem iriamos condemnar as praticas pedagogicas que se aproveitam dos trabalhos dos alumnos como meio de prover ás exigencias da escola, no que concerne á manutenção da assistência alimentar, ou no emprego dos educandos nos trabalhos de horticultura, nos misteres domesticos (preparo do alimento, arranjo da cozinha e do refeitório, limpeza do material, etc).

Num regimen de internato ou mesmo de semi-internato, nas escolas ruraes, perfeitamente definidas, onde a permanencia do menino é mais longa, esse programma é perfeitamente cabivel e mesmo compativel com a finalidade da escola, de educadora integral e preparadora para a vida.

Entretanto, é utopico pensar applicarlo, com exito e continuidade, nas escolas elementares communs, onde ha tambem a attender á situação precaria da criança em relação ao factor «saúde».

Nas escolas sob o regimen de dois ou tres turnos, o que se póde conscientemente fazer, é dispensar á criança os cuidados de que ella necessita para adquirir boa saúde, quando não a tem, a consolida-la, quando fragil e a mante-la, quando a possui.

Para despertar na criança o interesse pelo «estudo da botanica» é sufficiente, nas escolas desse typo faze-la praticar em pequenos canteiros adrede preparados onde possa acompanhar o germinar da semente, o crescimento da planta, o desabrochar da flor ou o amadurecer do fructo. Não foi fazendo canteiros, que Lineu, o afamado naturalista sueco, cuja alegria era colher plantas campestres, para cultiva-las no jardim paterno e mais tarde dissecar-las para estudo, passou á posteridade como o mais celebre botanico da sua epoca. Mas sim estudando-as na propria natureza.

O melhor modo de «ensinar» é despertar o gosto e conduzir a inclinação da criança, convertendo, tanto quanto possivel, o estudo, num prazer, como instrumento educativo, proporcionando assim, ao espirito do educando, noções de que elle jamais se esquecerá, sem a preocupação egoistica das vantagens que advirão para a escola, ou dos lucros de uma futura colheita.

O que se faz realmente, e o que se póde e deve fazer, é procurar um pretexto ou motivação para um determinado fim educativo, que se firme numa acção voluntaria bem applicada, numa observação e informação directas e numa aquisição de conhecimentos uteis, de modo, como diz Dewey, que a criança attinja ao «mais alto plano de percepção e de julgamento apparelhada a habitos mais efficientes»; brincando e aprendendo, collocando-se, assim, num ambiente propicio ao seu desenvolvimento mental e physico, onde ella se sinta alegre e feliz, expandindo-se naturalmente, e retirando do trabalho em cooperação os elementos que associa ao seu modo de sentir, de pensar e de agir, e que poderá adaptar, mais tarde, ás realidades da vida.

Concorre, o educador que assim pensa, para a formação sadia de espiritos equili-

brados e não de cerebros fantasistas, espiritos dispersivos e vacillantes.

Quem assim sabe conduzir a criança, habitua-se a vê e a observar com presteza, a discernir com precisão, utilizando as tendencias e gostos naturaes, espontaneos, piasmando ao mesmo tempo o caracter.

Se è facto, tambem, que a criança gosta da liberdade e do contacto com a natureza, é claro que só se lhe deve permittir esse contacto e essa liberdade de maneira a não se tornar prejudicial á saúde ou a se converter num méro factor de utilidade immediata.

E' preciso que não nos esqueçamos de que a «natureza» como diz Rousseau, «quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens», e que, «si quizermos alterar esta ordem, produziremos fructos precoces, sem maturidade nem sabor, que não tardarão a apodrecer».

Esse conceito «rousseauiano» tanto se applica ás foimas excessivas empregadas para o desenvolvimento mental, como tambem aos meios de adaptação para o aproveitamento do trabalho manual da criança, quando exige esforço physico maior do que a sua resistencia organica, donde a «surmenage» ou fadiga.

Nas escolas sob o regimen de internatos ou semi-internatos e nas escolas publicas, de typo definido, póde-se exigir, no entanto, um trabalho mais accentuado, que, sem perder suas finalidades educativas, possa tambem attender ás necessidades de aquisição material e economica da escola.

E' justo. Ainda ahi, porém, para melhor aproveitamento das aptidões e conhecimento das vocações, convém sejam os educandos reunidos em grupos, de accordo com suas affinidades electivas.

A's escolas primarias, cabe a função de «educar» preparando, como o lavrador, a terra, de modo que possam os educandos receber, mais tarde, com maior extensão e profundidade, os conhecimentos de que necessitam na vida para o exito de seus destinos. Assim trabalhando, nessa estreita cooperação, numa sequencia de objectivos para uma realidade constructora, a escola brasileira, em todos os seus grãos, vae desdobrando e cumprindo um programma

de educação integral e bem servindo á sociedade e á patria.

Para a execução desse elevado plano patriótico, a escola deve, acima de tudo, usar de lealdade nos seus methodos e nos seus processos, creando-os de eccordo com as exigencias da psychologia infantil do meio social dos aprendizandos e de suas condições de saúde.

Saude é vida, é alegria. Base da felicidade humana.

Na escola onde ha alegria, ha saúde; e para isso, a escola deve ter uma comprehensão exacta dos motivos e designios de uma boa e adequada instrucção e educação sanitaria. Sobreleva, entre suas funções, a de prover, cuidadosamente, á alimentação das crianças pobres e desnutridas.

A instituição, entre nós, do «Copo de Leite», do «Prato de Sopa», já estão, felizmente, bem divulgados, produzindo os mais beneficos resultados, attrahindo, como mantenedores ou incentivadores da obra, elementos os mais destacados da sociedade, que procuram defender a criança, defendendo a raça, de uma fórmula eminentemente social.

Infelizmente não podemos ainda, como na Allemanha, no Uruguay, na Argentina e em outros paizes adiantados manter as «cosinhas e os comedouros» escolares; mas, com o que já ha feito, é possivel conseguir melhor eficiencia do serviço, desde que se estabeleçam normas geraes de modo a se poder dar á criança uma assistência mais segura.

Assim, enquanto não possam ser attendidos pelas «cantinas escolares», todos os alumnos, indifferentemente; que, ao se proceder á escolha dos que devem ser beneficiados, se o faça pelos meios scientificos e em collaboraçao: professor, medico e enfermeira, para que não resulte inadequado e contraproducente o regimen alimentar a que se vae submeter a criança.

Oa tres factores: medico, professor e enfermeira, devem caminhar juntos no terreno das pesquisas e das observações, afim de que a tarefa da educação sanitaria dos escolares se realize com proveito para a criança.

A' professora podem escapar quaes as causas determinantes da desnutrição de

uma criança; ao medico, essas causas não só não escapam como permitem melhor aproveitamento do regime alimentar, tornando-se, sem o conselho do medico e o auxilio da enfermeira, improductiva a instituição da assistencia alimentar.

Sabemos, perfeitamente, que são causas da desnutrição dos escolares: as tendências hereditarias, a imperfeita alimentação da mãe durante o periodo pré-natal (gestação); a alimentação insufficiente, pela miseria do lar.

Como conhecer a verdadeira causa? Pela syndicancia feita pela enfermeira, pelo exame do medico, pela observação da professora, pela aproximação dos paes e dos mestres (convivio social).

Póde ainda não existir a «miseria do lar», mas ignorancia na escolha dos alimentos. Como sanar o mal? Por meio de conselhos opportunos aos paes. Como, de que modo? Em reunião das associações de paes e professores orientadas pelo medico ou pela enfermeira, estimuladas pela professora ou por intensa propaganda pelo radio, cartazes, cinema, etc.

Geralmente as deficiencias de peso e altura levam os leigos a considerá-los como provas evidentes de desnutrição. Mero engano. A's vezes ha deficiencia de um desses factores e a criança goza saude normal ou relativa. O factor a considerar é de origem nervosa ou moral.

Em outros casos observam-se peso e

e altura normaes e a criança está pallida, doentia, anemica: alimentação impropria ou fadiga excessiva.

Tambem não se devem exclusivamente considerar a insufficiencia ou a impropriedade do regimen alimentar, como as causas primordias da desnutrição. Ha a influencia das psychoses, o meio em que vive a criança; a habitação, o vestuario, e ainda: os defeitos phisicos, o retardamento ou precocidade dos phenomenos vitales, da dentição, da expressão e as anormalidades ou debilidade mentaes, dos órgãos dos sentidos, do systema nervoso, dos órgãos internos.

A' escola, ao receber essas pequeninas machinas humanas, que são as crianças, para educar e instruir», cabe indagar as causas proximas ou distantes, morbidas, visiveis ou latentes, das anormalidades phisicas, dos disturbios funcionaes da desnutrição. Mas nesse caso a escola é o medico, que examina, diagnostica, traça o tratamento. A' professora e a enfermeira competem a vigilancia constante, a observação rigorosa da prescripção medica, a visita aos lares, procurando ahi inocular habitos sadios capazes de remover as causas ou os focos de molestia.

Essa a função socializadora, preventiva, da escola, em relação ao problema da assistencia alimentar.

*Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves*

## A ESCOLA PRIMARIA

De conformidade com o accordo estabelecido entre a Directoria de Educação e a Administração desta revista, todos os directores de grupos escolares, escolas primarias e cursos populares nocturnos receberão um exemplar de cada numero d'«A Escola Primaria», o qual deverão conservar na «Bibliotheca Escolar», como propriedade do estabelecimento que dirigem.

N. da Red.

## A Universidade do Distrito Federal

No inicio de minha carreira, que, na parvoice da adolescencia, eu sonhava iluminada e capaz de iluminar, escrevendo para jornais, o assunto de meus primeiros artigos foi a necessidade da organização universitaria no Brasil.

Era a guerra então. Finda esta, aproximando-se a comemoração do 1º centenario de nossa independencia, muitos se ocuparam com a materia. Para essa comemoração o sr. Epitacio Pessoa, dos mais illustres brasileiros elevados á presidencia da Republica, confirmando, infelizmente, a regra que aqui os problemas mais serios são resolvidos sem a necessaria ponderação, improvisadamente, decretou creada a Universidade do Rio de Janeiro, apenas rotulando diversamente o que já tínhamos em facto de ensino superior.

Agravou-se a questão em vez de facilitar-se, principalmente porque não se concedeu á Universidade autonomia para que se pudesse desenvolver: ligáram a pobre criança que ainda ahi vive asphyxiada e entorpecida.

O mal da reforma pela mudança de rotulo incrementou o mal do desejo do titulo pelo titulo: si antes este era mais procurado que o saber, depois industrializou-se a caça ao diploma e começou a cultivar-se a nova casta dos rotulados.

Infeliz terra e infeliz gente em meio á qual proliferam e sobreexcedem tão inumeras capacidades espontaneas em todos os ramos do saber, que, ao discutir-se qualquer dos mais graves assuntos da especulação ou da tecnica multiforme na agibilidade da vida, logo pululam doutrinadores com a ultima palavra, peritos titulados que oferecem, *verbo sed non re* solução a tudo.

As universidades teem sido aqui condenadas pelos competentissimos autodidatas de sabedoria espontanea, porque ou a supõem um sarcophago de antigualhas ou um mero instrumento de cultura literaria e livresca, sem finalidade pratica imediata.

Não conhecem o que teem sido as

universidades nos paizes civilizados: templos onde se guarda o patrimonio do saber humano, cultuado no que já atingiu, e fundando em alicerces solidos sempre novas conquistas, no continuo esforço de mais e mais conhecer para melhorar.

Paiz que não queira zelar tradições, nem ame as estruturas graniticas do talento indagador do homem a resistir e afirmar-se atravez dos tempos, paiz assim é que não póde comprehender as organizações do saber pelo saber, laboratorios em que almas de eleição, segregadas do bulicio diario dos que passam só, longe do torvelinho das paixões caducas, se entregam ao labor imensamente meritorio de sondar o valor das coisas e o valor do proprio homem.

Desses centros partem em geral os gritos unisonos da humanidade que se eleva a esferas melhores, idealmente puras, nas quais a confraternização é possivel de realizar-se.

E se esses gritos foram ouvidos e taes agremiações de cultura melhor entendidas e acatadas, evidentemente maiores beneficios teria colhido a humanidade, que os que lhe teem advindo apenas da conquista material das forças elementares que regem os phenomenos momentaneos.

Estas se applicam de passagem, no entrechoque de necessidades circunscriptas a instantes.

Ha forças que tendem á estabilidade e só se deprehendem, ou se captam, na meditação, ao desvoluntariamento para os factos apenas sensuaes, com decidida e voluntaria applicação ao aperfeiçoamento do homem como homem, isto é, como ser que racional e racionadamente co-determina o proprio operar condicionando-o a motivos seus.

E' que, si as pesquisas phenomenicas e o dominio das forças brutas da natureza são necessarios e não se devem descuidar, não menos precioso é o culto do pensamento na avaliação para o aproveitamento humano de tudo aquillo que se vai sabendo.

Ha no homem, que se eleva, a maravilha de um desdobraimento: sobre o homem que passa, surge o homem que se eterniza fundando e construindo melhor futuro.

As universidades devem ser a forja do acrisolamento dos homens que se querem elevar; são os mais apropriados centros de preparação daqueles que desejam contribuir para a obra divina do aperfeiçoamento progressivo da humanidade.

A nobreza verdadeira dos que se cultivam realmente nas universidades é a manifesta nobilitação que neles se opera pelo trato e habito, que vão adquirindo, de mais sadios pensamentos, e de compreensão mais ampla e mais justa da existência, com irreprimível redundância de euphoria moral sobre o meio em que vivem.

E' claro que esses centros de superior cultura não se improvisam. São producto de longa sedimentação, de continuado e persistente esforço de varias gerações.

Mas é necessario começar, procurando completar; é preciso, de uma vez, lançar as bases do monumento definitivo; é mister fazer da universidade, tambem aqui, a verdadeira officina do espirito vivificador e unificador de nosso povo.

Nella todos os casos que possam surgir, ou apresentar-se á mente do homem, não de encontrar terreno e ambiencia que permittam a fria e serena solução que hajam de taes casos exigir.

A condição primordial para a vida de uma universidade é a sua autonomia.

A universidade, em sua especifica razão de ser, como organismo completo e sadio, ha de ter liberdade, não pôde depender de órgãos estranhos á sua finalidade, a entrar-lhe os momentos.

Muito menos ha de depender da politica no sentido em que ahí é compreendida e praticada. *Absit.*

Uma vez por todos deve o governo persuadir-se que nenhum mal advirá ao Paiz, por causa do saber e do culto verdadeiro do saber, professado por cidadãos que se consagram apenas a isto: a aumentar, quanto possível, o cabedal dos conhecimentos científicos em si e nos outros.

Programas, seriação de cursos, horários, escolha de professorado, tudo isto deve depender do proprio corpo universitario, fóra dos caprichos dos ministerios, a coberto da burocracia esterilizante das secretarias de Estado.

Para cumprir, no caso, seu dever es= trito, ha de o governo reconhecer, em suas universidades, órgãos estaduaes capazes e competentes.

E' apoiá-las em suas justas exigencias, dentro de sua finalidade, sem querer modificar e muito menos impedir sua natural expansão.

Ellas que se dirijam por si, solicitando as medidas que julgarem necessarias ou oportunas para seu conveniente desenvolvimento.

Nada ha a temer dessa autonomia.

Os verdadeiros nucleos de cultura universitaria nunca se excederão nas exigencias que fizeram, e tudo o que solicitarem para aumentar o contingente científico da nacionalidade, só deverá ser levado á conta de benemerencia.

O mal precipuo do ensino no Brasil tem sido este ter dependido em demasia do poder politico.

Os órgãos educacionaes são tutelados pelos órgãos politico-administrativos, ao sabor de parvenus ávidos de se mostrarem originaes, na procura de celebridade á custa de reformas superficiaes, quando não indecorosas.

Por isto não ha continuidade, nem seriedade, nem mesmo orientação no ensino.

Ultimamente os Estados começaram a tomar a si a cura do mal.

Minas lançou seguras bases para a sua universidade, mas, porque não a libertou da tutela politica, bastou a miopia do snr. Washington Pires para comprometer-lhe seriamente a saúde.

A universidade de S. Paulo appareceu robusta com declarada preocupação de independencia garantida pelo governo do Estado.

Mas não se entende bem como é que um educador conceituado no paiz inteiro, como o snr. Theodoro Ramos, que fóra a alma da organização dessa universidade, feito diretor da Faculdade de Philosophia e Letras, órgão absolutamente novo, e esse munus, a essa obrigação quasi de honra, posta a actuação do dr. Ramos no caso da universidade de S. Paulo, viesse a preferir um cargo burocratico na desorganização official do ministerio politico da educação.

Que não sou injusto prova-o atitude do mesmo snr. Theodoro Ramos que não pode continuar ahí, e publicou os motivos porque se retirava do cargo Director Geral do Ensino.

Mas ele não explicou porque deixára a Faculdade que fundára, e ficamos a pensar que foi porque não conseguiu talvez libertá-la das malhas da politiquice indigena.

E' conclusão possível, diante da autoridade, seriedade e independencia de tal professor, que, em situação outra, creio, não teria trocado a direção de uma escola universitaria que fundára, pela chefia de uma secção de burocracia que, infelizmente, não pode impedir ainda o incremento «da mais impudente industria que nos corrompe, o ensino secundario convertido em grande feira» na frase de Ruy Barbosa.

A criação do Ministerio para a Educação só a peiorou, provando que o mal que a malsina é depender ela demasiadamente do governo.

Este deve apenas garanti-la, garantindo-lhe o custeio e administração, com a justa distribuição das verbas que, para esse fim, retira do povo.

Mas os principaes órgãos seus para administração da instrução e para fiscalização da mesma, devem ser os organismos proprios da vida cultural do paiz, a começar pelas universidades.

Dê-lhes o governo autonomia completa e meios e não tema pelos resultados.

Desapparecerão as fabricas nacionaes particulares da industria de rotulagem e titulação de grãos academicos.

Voltemos, porém, ao em que ficáramos.

A universidade, assunto que nos está no coração desde o principio de nossa carreira, parece vae ser realidade em toda a sua completa e complexa organização aqui na Capital.

Foi creada a Universidade do Distrito Federal e o foi com amplitude.

Si ainda algumas sombras de cepticismo nos impedem a clara visão do amanhã desse instituto, por causa de possiveis insidias da politica, ha já, porém, um facto positivo e categorico da vontade sincera de se levar adiante com seriedade a construção do novo monumento: — o reitor da universidade que se funda, já nomeado, chama-se *Afranio Peixoto*.

Esse mesmo Afranio Peixoto delicado e bom, educadissimo, palestrador erudito e unico, cuja cultura se mede pela mais assombrosa faculdade que homem já teve de multiplicar tempo e energia.

E' aquelle mesmo Afranio que se desdobra na historia do pensamento nacional como romancista, floclorista, critico, sociologo, cientista e professor, apresentando a mais variada e segura bagagem literaria e pedagogica de que se possam ufanar cientistas brasileiros.

Afranio, que com a mesma profundidade ensina na Faculdade de Medicina e na de Direito, real ornamento do alto magisterio nacional; Afranio, academico infatigavel que multiplica as publicações que vae exhumando dos tesouros da historia patria, ou se compraz em divulgar os primores de Antonio Vieira, e analisa Camões, sob todos os raros e geniaes aspectos do maior epico da idade moderna, com a mesma segurança e riqueza de conceitos, com que perlustra e ilumina, com os lampejos da mais brilhante intelligencia, toda a maravilha sentimental e artistica da obra do magnifico Castro Alves; Afranio que, como excelente professor tambem da Escola de Professores, revêla, agora mesmo, a maior segurança no trato dos graves problemas educacionaes do momento presente do mundo e que, como diretor de Instrução deste Distrito, já lhe beneficiou o magisterio reorganizando-lhe a Escola Normal; Afranio emfim que, como poucos, conhece o real estado do ensino no paiz, pois, ha pouco, traçou, com visão panoramica perfeita, a historia da educação nacional até 1926, apontando remedios para seus males, melhor que ninguem estava indicado para o posto que lhe foi confiado.

Mas si a intelligencia privilegiada de Afranio Peixoto e sua elevação moral e cultural, como sua independencia e modelar e fina educação e o conhecimento que possui das necessidades do meio, são penhor certo de que elle é capaz de dirigir vitalizada e superiormente o novo organismo educacional, o governo do Distrito Federal deve outorgar-lhe a autonomia indispensavel para que realize de verdade o que pôde e dele se espera.

R'io, 23-4-35.

NELSON ROMERO.

## AO FINDAR O CURSO

(Dedicado ás diplomandas de 1934, da Escola de Aperfeiçoamento)

Após dois annos de intenso labor, eis que alcanço o diploma da Escola de Aperfeiçoamento.

E' como se eu houvesse attingido os píncaros da montanha, onde se alteia a insignia da Escola Activa. Nas solidas bases e nos elevados principios, em que ella se firma, encerra-se o novo credo pedagogico, fadado a impulsionar a civilização para maiores conquistas da felicidade humana, que afinal se resume na melhor compreensão da existencia e no modo mais efficiente de empregar-a.

Sinto que meu espirito resurge para a vida intellectual. Cumpre-me fortalecel-o com o estudo continuo e methodico. Organizarei para esse fim a minha bibliotheca e o meu archivo. Dotarei aquella de excellentes revistas e obras pedagogicas. Para o archivo coordenarei as notas de leitura, os resultados de pesquisas e observações, o contexto da correspondencia, os documentos de valor.

Minha vida intellectual, mantida diariamente, terá dupla finalidade: a emancipação do meu espirito, libertando-o de preconceitos, superstições e fraquezas, para elevá-lo aos serenos plainos da sciencia, da justiça e da sociabilidade; o desempenho fiel da missão de educadora, pesando suas graves responsabilidades perante as justas aspirações daquelles que me forem confiados para indicar-lhes a direcção da vida.

Estudarei a historia da pedagogia, que julgo ser de real vantagem para a minha nobre carreira. Pretendo conhecer a acção sublime dos grandes educadores, que desvendaram novos caminhos para o triumpho

da paz, da justiça e da liberdade. Em meu gabinete de estudo conservarei os seus retratos, como homenagem sincera a esses excelsos orientadores da humanidade.

Hei de cumprir meus deveres com solididade e coragem. Procurarei compreender a alma dos alumnos, aos quaes considero como o centro do trabalho educativo. Aplicarei os processos e os methodos preconizados pela Escola Activa, e por meio delles tenho vivas esperanças de formar cidadãos dignos da civilização actual.

Reconheço o poder da iniciativa, da co-operação e da solidariedade. São as tres arvoredos mais frondosas e mais frutíferas da floresta social. Ellas darão belleza e encanto á minha escola, fazendo-a funcionar dentro do trabalho sereno e fecundo da educação. Como os passaros na floresta, os meus alumnos gozarão de liberdade e de alegria.

Esforçar-me-ei por corresponder ao valor de meu diploma, prezando e bemdizendo a Escola de Aperfeiçoamento, que m'o concedeu.

A's dignas professoras desse instituto, que tanto honra o Estado de Minas, consagrarei profunda affeição e reconhecimento.

A todas as minhas collegas, das quaes guardarei lembranças immortales, apresento os testemunhos da mais pura amizade e sympathia.

A'quella que se despediu antes de concluir o nosso curso, partindo para nunca mais voltar, á querida Leonor, tão jovem e tão cheia de esperanças, as minhas recordações affectuosas, acompanhadas de saudades infindas.

Nesta hora seja-me permittido dizer: abençoados aquelles que puderam educar-se e se transformar em educadores...

FIRMINO COSTA.

Transcripto do "Minas Geraes".

## Língua Materna

Indaga-me um aluno se são sinônimos os termos *prédio* e *edificio*.

*Prédio*, na velha lingua, não era outro nome de *edificio*. Ambos os termos mudaram de sentido.

*Prédio* era o modo como se designavam bens territoriais hipotecados, dados em penhor, depois bens territoriais, propriedade rural e hoje "prédios são bemfeitorias imóveis, com a denominação de Rústicos e Urbanos" (Teixeira de Freitas. Vocabulário Jurídico).

O Sr. Antenor Nascentes diz:

"*Prédio*—Do lat. *praedium*, bem de raiz, terras, moradas. Passou a aplicar-se sómente a construções."

Não está completa a etimologia; há construções e há moradas que não são prédios.

Formou-se *praedium* da preposição *prae* e *vadum*, penhor, caução, o que responde por. Já em latim se encontrava *prae-vadium*, como penhor, hipoteca.

Salvo erro, não há, em o latim clássico, a forma *vadium*, corrente em escritores da Idade Média.

Mas, *vas, vadis*, como caução, está em todos os dicionários.

Pacheco Júnior, na *Semântica*, escreve:

"Em latim, *urbs* era o nome que se dava á cidade de Roma para os habitantes de Lácio e da Sabina.

O seu sentido tão restricto ampliou-se da mesma sorte que *praedium*, que significava bens territoriais hipotecados (preposição *per* + *vadium*, em penhor) applicou-se por fim a qualquer propriedade rural."

Em linguagem jurídica, creio, ainda se usa o termo *vadimônio*, em mais de um sentido, notadamente no de penhor, no de garantia.

Também se usam as expressões *vades* e *subvades*, como neste lanço de Aulo Gélío:

"Sed enim quum proletarii, et assi dui; et sanatis, et vades, et subvades....."

*Vades* e *subvades* são traduzidos por penhor e subpenhor, garantia e subgarantia, fiança...

—*Edificio*, a principio era templo, casa grande, mansão, palácio. *Aedes* ou *aedis*, no plural, tem o sentido de casa. No singular, é

quase sempre usado, em latim, no lugar de templo, de santuário, de casa de devoção. Da mesma raiz há muitas palavras, em português, derivadas de correspondentes em latim—*edil*, *edificar* e *reedificar*, *edificação*... *Edil*, que hoje significa vereador, intendente, era o modo como se designava o magistrado que cuidava das construções públicas.

Além do sentido de construir tem o verbo *edificar* o de dar bons exemplos, de doutrinar e *edificação* vale por doutrinação.

*Casa*, em português, corresponde ao termo latino *aedes*, não á casa. *Casa*, em latim, e *case*, em francês, serão traduzidos por *cabana*, *choupana*, *casa pequena* e *rústica*.

Teve o francês, no século XIII, o termo *bordel*, deminutivo de *borde*, *cabana*. *Borde* provém do frâncico *borda*, casa de tábuas, casa rústica. *cabana*... Noutro lugar tratei das palavras *bordo*, *borda*, *bordel*.

No dialecto osco, o a que chamamos *ca* era dito *fama*, daí *família*, *famulo*. A *família*, a principio, era o conjuncto de domésticos. *Famulo* era o habitante da casa. *Fama*, como nomeada, renome, é de outra raiz, do latim *fama*, ruido de palavras, voz do povo, e provém do grego *femê*.

O termo *czarda*, *csarda*, *xarda* ou *teharda*, agora muito falado por ser título de uma opereta e de uma fita de cinematógrafo, é o nome de uma dança húngara e provém de palavra que corresponde ao latino *casa*, no sentido de *cabana*.

Traduz-se, para francês, nosso termo *casa* por *maison*, forma que se origina do latim *mansio*, *mansionis*. Mas, *mansio* designava a acção de parar, de permanecer. *Mansio in vita*, de Cícero, traduz-se por *morada na terra*. São de Pacheco Júnior estas palavras:

"*Mansio*, a principio exprimia a acção de parar, e mais tarde *as mudas*, paradas na estrada, lugar onde os animais são mudados e param para descanso.

O nosso vocábulo *mansão* (ant. *meijão*—fr. *maison*) tirou origem nessa forma latina, mas conservou a significação de *morada*". (Semântica. Pág. n. 70).

Empregamos *mansão* em linguagem poética—*mansão etérea*, *mansão celeste*, *mansão dos mortos*.

Á primeira vista pode pensar-se que *mansarda* é da mesma raiz de *mansio*. Chamam os portugueses de hoje *mansarda* ao que

COMPREM NO

# Parc Royal

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

os velhos designavam pelos nomes de trapeira, água furtada.

Aqui, em vez desses termos, usamos só-tão. No prefácio de "Brasileirismos" escrevi: "Em Portugal usa-se o termo só-tão, como adega, porão, loja, mas também se emprega no sentido que é a palavra usual aqui — o andar mais alto de um prédio. Erram os que tomam por brasileiro o uso do termo com o último sentido. Nas "Lendas e Narrativas" escreve A. Herculanio: "Sobe ao só-tão da torre..." e, em nota: Sotihu — o andar mais alto. Os nossos escritores tomaram esta palavra num sentido evidentemente errado, servindo-se dela para indicar o aposento inferior ou térreo (P. n. 10. V. I. Ed. da Imp. Nacional).

No Brasil, ninguém, letrado ou não, emprega só-tão como andar térreo, como subsolo. É corrente para designar o a que os portugueses chamam águas furtadas, mansarda, trapeira..." (Pág. n. 19).

João Ribeiro, em "A língua nacional", (1921) escreve:

"Sótão — é um termo de sentidos contraditórios e opostos em Portugal; tanto significa o andar mais alto como o mais baixo. No Brasil está sempre o sótão no alto das casas e opõe-se a adega e porão. Evidentemente, a confusão de ideias nasceu do influxo romano (so-sob-soto, posição inferior) e da concorrência do árabe sotéa (açotea, posição superior.)" Pág. n. 35.

Nas "Curiosidades verbais", de 1927, não sei se de caso estudado, ou se por distração, escreveu nosso grande filólogo:

"O sótão (de soto subtus) é exactamente a parte inferior do edifício, a que damos o nome de porão". (Pág. n. 187).

Cá e lá, a qualquer casa sórdida, reles, sem higiene, dá-se, em nossos dias, o nome de mansarda. Esse termo, entretanto, nada tem com a palavra mansão. É aporuguesamento de mansarde, vocábulo francês, que veio do nome de um architecto, Francisco Mansard, noção que aparece em vários livros, ex. gr. na "Gramática histórica francesa", de Nyrop, de onde copio:

"Mansarde, tirado do nome próprio Mansard, célebre architecto francês (1598-1666), inventor dos telhados fendidos". (V. 4.º. 339).

Palácio era outra denominação do monte palatino, em Roma. Há mais de uma hipótese para explicar-se o nome do monte —

de palari, errar, vagar, por causa dos rebanhos que por lá andavam pastando; por que no monte se construiu um templo consagrado a Pales, deusa dos pastos, pastores e rebanhos.

Ainda há quem ligue o nome ao de Pallas, ou Pallante nome de um filho e do bisavô de Evandro. Vejo na *Eneida*:

"Do bisavô Palante por memória  
Em montes assentavam Palanteia."

VIII. 54.

Augusto, segundo uns, ou Nero, conforme ao que dizem outros, estabeleceu sua residência no morro, onde fez construir suntuosa casa — o palácio, nome que se generalizou a edifícios grandes e luxuosos, a residência de reis, de príncipes, de prelados...

Existe a forma contraída paço, mais empregada em Portugal do que aqui. Usamos paço somente nas expressões paço municipal, paço episcopal, paço da câmara, e, no tempo da monarquia, paço imperial.

Como solar, usual em Portugal, creio que nunca se empregou aqui.

Diz Figueiredo que se chama paço também à corte, aos cortesãos e aos frequentadores do paço, panceiros, como os do palácio, seriam palaceros. Aqui, aos habituados ao paço, aos cortejadores do governo, chamava-se cortesãos ou áulicos, de aulicus, palavra oriunda do latim *aula*, grego *aulis* o palácio, depois a corte, em seguida uma sala onde se reúnem alunos para ouvir a lição, a lição... Corte nos veio do latim *cohortem*. Transcrevo nos R. de Vasconcelos:

"Cohortem significa a capoeira, o curral, o aprisco onde se juntam e dormem os animais, e, sentido translato, uma companhia de soldados. A rudeza dos antigos reis bárbaros, e da comitiva que os cercava, fez que tanto esta, como o lugar onde residiam os reis se designassem por aquele vocábulo, que no léxico português se encontra representado por duas formas divergentes: — corte dos reis e príncipes (no plural côrtes dos representantes da nação), e corte dos animais. Da primeira destas formas há os derivados *cortês*, *cortêsmente*, *cortesão*, *cortesia*, *cortejar*, *cortêjo*, etc.; da segunda temos o diminutivo *cortelho*". (Gramática histórica. Pág. n. 89).

O feminino de cortesão, cortesã, mudou de sentido.

Templum, em latim, significava a região descampada, onde se via tudo em redor, es-

paço de céu consagrado onde os augúrios observavam o voo dos pássaros. Está em Breal: "O quadrado traçado no céu pelo augúrio e no interior do qual se observam os presságios se chama templum. Dai o verbo *contemplar* que, a princípio, parece ter feito parte da língua religiosa".

Depois templum passou a ser qualquer lugar consagrado, igreja, santuário, casa de religião e, por extensão, casa ou parte de casa de sumo respeito.

Também os latinos designavam o templo, o lugar consagrado, pelo termo *fanum*, donde fanático, fanatismo, fanatisar, profano, profanar, palavras que mudaram de sentido.

O templo dos muçulmanos é chamado mesquita, do árabe *masjed*, *masjid* ou *masjide*. De *ma*, prefixo que designa lugar onde e o verbo que significa prostrar, prosternar ou prosternar-se.

A passagem do g (j) árabe para q português é fenómeno de explicação difícil e, penso, a seu respeito não há cabal acôrdo entre os filólogos.

Aos templos dos indús chamam os ocidentais *pagodes*, palavra de étimo não assentado e a respeito da qual há muita conjectura. Pagode ainda significou ídolo, assim em português como em francês. Bloch dá como etimologia de pagode, francês *pagoda*, português, de certo por erro de transcrição. Assim remata o verbete: O sentido de *ídolo* desapareceu do português e do francês."

Também no Larousse vê-se pagode filiado em pagoda, português, talvez por confusão com a forma castelhana.

Usam-se aqui no Brasil os termos pagode, pagodeira, como festa ruidosa, folia, pândega e pagodista como o que faz ou o que frequenta o pagode. Dão alguns dicionários pagodento, palavra que não é corrente aqui.

Não sei se ainda são essas vozes empregadas em Portugal, onde o foram em outros tempos e nelas topo em clássicos da língua.

Monsieur Dalgado transcreve exemplos da Comédia Ulisipo, de J. Ferreira, dos Apólogos Dialogais, de D. Francisco Manoel, e exemplos contemporâneos, um do Conde de Ficalho e dois de um diário de Lisboa, o *Século*.

"Qual a razão desse sentido específico, tão discordante dos originários?"

"É de conjecturar que se tenha originado do caracter das festas dos *pagodes* in-

dianos, em que tomam parte os bailadeiras e que são de ordinário espalhafatosas, e às vezes, extravagantes, particularmente aos olhos do espectador estrangeiro." (Glossário Luso Asiático).

Existe na rocha chamada *pagodito*, empregada na China em o preparo de imagens, de estatuetas, de ídolos, rocha formada de silicatos de alumínio, de cálcio, de potássio e de ferro.

Ao templo e mosteiro dos budistas na Indo China, na China e no Japão dá-se o nome de *varela* ou *brala*, vozes correntes nos clássicos portugueses, como Fernão Mendes Pinto, Castanheda, Lucena, Diogo do Couto, dos quais Dalgado reuniu, no Glossário, grande número de exemplos.

"As varelas, os pagodes, e bralas que são seus templos, amanheciam todos armados de insígnias de alegrias." Mendes Pinto. Peregrinação. Cap. 184. Ap. Dalgado.

Desde o século XII, tornou-se usual, no ocidente, o nome de *sinagoga* para o templo dos judeus. É termo grego, *sinagôgê*, reunião, assembleia, e nos veio pelo latim eclesiástico. Tem ainda hoje o primitivo significado e outros, populares, de que agora não tratarei.

David Perez, filólogo conhecedor de várias línguas orientais, me disse que *sinagôgê*, grego, responde ao termo hebraico *Beth-hakenesseth*, modo como os judeus designavam não o templo mas a casa onde se reuniam para a interpretação da lei e dos profetas. A voz hebraica, literalmente, vale por assembleia, reunião. Ao templo, ao lugar onde se cultuava o Criador, chamavam *Beth-amikdax*, casa de santidade, casa sagrada, santa casa...

Hoje, chama-se Santa-casa ou Santa-casa de Misericórdia, à casa a que os antigos chamavam somente *Misericórdia*. Também já o templo ou igreja, foi dito *santa casa* ou casa-santa:

"...suntuoso templo..., o qual comumente se chama Casa Santa, em Franquia..." (Pantaleão de Aveiro. Itinerário. Cap. XXV).

Esse mesmo clássico define: "Franquia chamam naquelas partes às terras dos cristãos da nossa Europa, sujeitos á obediência da S. M. I. de Roma, e francos aos mesmos cristãos." (Op. cit. Cap. XXVIII.)

## Tres Palavrinhas

**Huygens.** — Christiano Huygens, ou alatinadamente, como então se usava entre os doutos, Hugenius, notavel sabio hollandez, nasceu em Haia em 1629 e morreu em 1695.

Foi um dos homens mais estudiosos e doutos de seu tempo, na astronomia, na mecanica, na physica, na mathematica pura.

A elle devemos a theoria ondulatoria da luz, aperfeiçoamento na luneta astronomica, o descobrimento do primeiro satellite de Saturno, a applicação do pendulo aos relógios, a mola de espiral para substituir o mesmo pendulo, e mais um rôr de trabalhos, cada um dos quaes bastaria para immortalizal-o.

Mas aqui não se trata de biographar vultos da sciencia, mesmo quando de tal monta.

Que ro ocupar-me é da pronuncia do nome do sabio, a qual é frequentemente estropiada pelos alumnos. A verdadeira é *óiguenss* e assim pronunciam em geral os nossos bons professores.

**Nipece.** — Nicéphore Niepce, chimico francêz, passa por ter sido o inventor da photographia, embora alguns lhe contestem o titulo.

Tenho ouvido pessoas instruidas, que pronunciam *Nipss.* como si se tratasse de nome allemão. Creio que se deve dizer *Niéps,* porque se trata de francêz, embora sem o pa-

recer muito claramente o nome. E' possivel que originariamente o nome da familia não seja francêz, mas não havemos de discutir o caso : devemos pronuncial-o como os francezes o pronunciam.

**Picado.** — Aqui não se trata de pronuncia, mas do proprio sentido. *Picado*, em em qualquer dictionario, participio passado do verbo *picar*, vem indicado com grande numero de significações. Uma, porém, não encontro em nenhum de taes auxiliares, é aquella em que se emprega frequentemente em São Paulo : *a varejo*.

Poucos parlistas saberão que nas outras partes do Brasil não se diz comprar *café picado*, e sim *café a varejo*. Lembro-me bem da estranheza que, no Rio, via que causava uma carissima parenta minha, quando falou em *café picado*, pois aqui, café picado é quebrado, em pedaços, em fragmentos.

O dictionario futuro da Academia ha de, por certo, consignar esta accepção, que é corrente no grande Estado, coração da nossa patria, e que não pode deixar de ter fóros de legitimo portuguez do Brasil, embora não a consigne nenhum vocabulario «da outra banda».

Diga-se de passagem que os dictionarios portuguezes tambem não dão *picadinho*, e qual o brasileiro que admittirá tirar da lingua que leva á bôca diariamente, ou quasi?

MESTER-ESCOLA

## A Livraria Briguier

38, RUA S. JOSE' — RIO

ACABA DE PUBLICAR

### A DECADENCIA DO ENSINO NO BRASIL

por P.<sup>o</sup> Arlindo Vieira S. J.

O livro que todo o professor deve ler. — 1 volume 20 x 14,  
174 paginas — brochura 6\$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

## Pratica da Escola Nova

Centro de interesse : O MAR

5.<sup>o</sup> anno

(Trabalho de cooperação das professoras da Escola Padre Antonio Vieira)

Que espectáculo maravilhoso nos offerece o mar! Elle se impõe á nossa admiração, não só pelo impeto de suas ondas, quando furiosas, mas pela placidez das aguas transparentes, quando pacificas.

Que imagens bellas suggere esse duplo aspecto do mar!

Qual o traço de união entre os povos? Elle. Qual o vehiculo da troca entre as nações — trocas commerciaes ou de ideias? Elle.

O seu poder nós o sentimos e sempre o sentiu o homem, porque o mar na sua amplitude e mobilidade é a expressão mais larga da aspiração humana para a liberdade. E os povos comprehenderam tão bem sua importancia, que se aventuraram em sua superficie, tentando vence-la.

Feliz escolha a do mar para centro de um plano de trabalho a ser executado com os nossos pequenos alumnos da escola 8-4. Podemos, partindo d'elle, e tomando sempre por motivo, explorar as disciplinas, dentro do nosso programma.

Assim é que em *Linguagem* pode servir de thema para composições e descripções. A criança contemplando o verde esplendido do mar, admirando o aspecto das ondas que se esbatem na areia alva das praias, sente vontade de transmittir ao papel as suas impressões.

Relataremos ainda ás crianças as lendas que existem tão vivas entre o povo do sertão e os marujos, sobre a mãe dagua e a sereia, cujo canto dizem que fascina.

Ensinaremos os termos e expressões tão commumente empregados hoje, e que têm origem no mar — *vou remando, estou de resaca, correr á cozia*, etc.

E na litteratura? Poderemos fazer as crianças conhecedoras das varias composições litterarias sobre o mar a que innumerous poetas e escriptores notaveis se dedicaram. Entre ellas podemos alludir á introdução de «*Iracema*», romance de Alencar, em que descreve os mares revoltos de sua terra natal. E que diremos de poesias admiraveis como «*O mar*», de Gonçalves Dias e «*Palavras ao Mar*» de Vicente de Carvalho? Considerando o mar geo-

graphicamente diremos que elle separava terras, mas que o homem serviu-se d'elle para ligar essas mesmas terras, creando a navegação. As vantagens que se tiram della fazem esquecer as vicissitudes que resultaram da luta para conquistal-o.

Podemos lembrar os differentes typos de embarcações, desde o grosseiro tronco que se atirava á agua nos tempos primitivos, ao colossal transatlantico de hoje com todo o conforto exigido pelo progresso.

E os navios de guerra? Não deveremos esquecer o mar como theatro de grandes batalhas entre os povos da antiguidade, lembrando a historia universal. A proposito falaremos dos tescuros representados pelos heroes, tragados por sua furia incontida em occasiões de combates.

Sobre a navegação abordaremos ainda o estudo da industria, das construcções navaes, cujo progresso tem sido extraordinario.

Consideremos as aguas do mar que cobrem 3/4 da superficie terrestre, e as dividamos em Oceanos. A superficie desses oceanos originará o estudo da forma da terra e seus movimentos. Os oceanos banhando as costas das terras. Os continentes. Os accidentes geographicos — enseadas, golfos, bahias, como a de Guanabara, notavel na sua placidez ou na furia indomavel dos dias de ressaca. Exercicios de cartographia. E os movimentos do mar? Que se sabe dos phenomenos das marés? Que se sabe das correntes maritimas quentes ou frias com sua extraordinaria acção sobre o clima, e os peixes? Que se sabe das ondas resultado da circulação propria dos Oceanos?

Nas Sciencias fisicas elle nos sugere um numero vastissimo de ideias.

O mar nos dá os alimentos que a pesca vai buscar á sua fauna variada e abundantissima. A pesca representa industria grandemente lucrativa.

E os thesouros que o mar encerra? Basta pensar nas perolas e coraes que guarda avaramente em seu seio. A pesca das perolas e seu commercio representam outras tantas fontes de actividade. Vegetaes, mineraes e ani-



maes do fundo do mar, taes como peixes, — voadores, baleias, golfinhos, gaivotas, merecem especial estudo.

A composição chimica da agua do mar.

A agua salgada. A densidade e temperatura. Os aparelhos..

E o mar á noite? Trataremos do phenomêno da phosphorescencia, devida á presença de corpusculos na agua.

Na Mathematica, considerando o horizonte e a superficie, teremos ideia de linha. formas geometricas, perimetros, areas, etc.

Observando a immensa superficie liquida e suas subdivisões em golfos, bahias, e enseadas, teremos a noção de unidade e fracções.

Fazendo com que as crianças notem que enorme massa oceanica alcança uma grande profundidade, constituindo um volume dagua, teremos ensejo para dar a noção de volume.

Tendo em vista o mar como ponto de ligação entre as nações, teremos regra de cambio e percentagem; a milha maritima usada para avaliar distancias no mar; a velocidade dos navios em milhas horarias, valor das milhas em metros; a legua terrestre para avaliar grandes distancias, leguas de sesmaria, a carga e descarga dos navios expressa em toneladas e quantias metricas.

Sobre o material e operariado que se utiliza na industria e comercio, teremos formulado problemas sobre salarios, juros, etc..

Auxiliadas pelo espirito puramente observador, da criança, associaremos, com relativa facilidade todos os conhecimentos indispensaveis á sua cultura e para consolidação da mesma teremos a concretização em exercicios escriptos, trabalhos de modelagem, desenho e Artes applicadas.

## LINGUAGEM

### Observação

Aspecto superficial: cor, movimentos. O marulhar, o sussurro da brisa. O cheiro caracteristico. O sabor da agua. Os varios aspectos: sereno, calmo, encapelado.

Aspecto da costa — Pharóes.

Aspecto interior: a flora, a fauna.

### Associação

A agua — os rios — maré e lagos. Chuva. Tempestades. Naufragios.. O mar calmo, sereno, dando ideia de paz. O mar como elemento principal, na vida dos povos antigos. Traço de união entre os povos, fator de evolução— progresso social e economico. O mar e o homem—luta constante entre a força liquida e a solida. A vida como verdadeira luta. Preparação para vencel-a moral e physicamente.

A bahia de Guanabara — origem do nome. As enseadas e bacias; ancoradouro e abrigos naturaes para os navios — Porto-Seguro (A descoberta do Brasil).

As viagens maritimas: antigas e modernas. Os transatlanticos e as caravelas.

Os signaes no mar. Os signaes no livro. Puntução.

O que se extrahê do mar: a pesca — protecção que devemos prestar ás colonias de pescadores. Os peixes de agua doce e os de agua salgada.

A variedade da flora. marinha — A flora terrestre. A riqueza mineral. A exploração do fundo do mar: os escafandristas e os submarinos.

### Concretização

Composições: naufragios, tempestades, etc..

Estudo dos verbos defectivos. Fundação dos clubs visando a paz universal.

Composição sobre o Pan-Americanismo.

Instituição do correio escolar para insentivar o gosto pelo genero epistolar.

Emprego dos tratamentos cerimoniaes.

Palestras e intercambio litterario — Club de leitura.

Descripções de estampas representando a bahia de Guanabara, praias, etc. Passar para a prosa versos alusivos á bahia de Guanabara e ao mar. Estudo da vida e das obras do autor. Biographia de autores contemporaneos. Cartas a collegas (Tratamento 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas) reproduzindo a aula dada sobre a descoberta do Brasil ou outro topico da Historia do Brasil. Desenvolvimento do vocabulario. Vocabulos que se relacionem com a palavra mar. Palavras primitivas e derivadas. Estudo de prefixos e sufixos. Exercicios sobre puntução.

Relatorios de excursões feitas a uma colonia de pesca, a um aquario. Exibição de filmes sobre a vida no fundo do mar, commentarios. Leitura e interpretação de trechos aproveitando para aulas de grammatica: synonymos, antonymos, etc.; analyse logica — estudo de periodos compostos; conjunções aproximativas.

## MATEMATICA

### Observação

O oceano como uma grande massa liquida. A immensa superficie dagua.

A parte do globo occupada pelas aguas.

Profundidade do mar. A agua do mar e dos rios.

As vantagens e os progressos dos paizes banhados pelo mar.

Portos — Commercio internacional.

O mar como meio de comunicação e desenvolvimento dos paizes.

### Associação

A grande massa homogenea do mar, constituindo um todo — noção de unidade. A divisão dos oceanos em mares, golfos e enseadas — noção de fracção. Fracções ordinarias e decimaes — suas características.. Conversões. Disimas exatas e periodicas. Geratrizes.

Avaliação das superficies — o metro quadrado, multiplos, submultiplos, denominações e abreviaturas. Comparação entre superficies maritimas e terrestres. Emprego das medidas agrarias — o aro e a refação convencional. Medidas de superficie, na avaliação da area de figuras geometricas. A profundidade do mar, constituindo um volume dagua. Noção de volume. Necessidade de tres dimensões. O metro cubico, seus multiplos e submultiplos, denominações e abreviaturas. Medidas para o volume de madeira — o estero — Relação entre as medidas de volume, as de capacidade e as de peso. Medidas para grandes pesos — quintal e tonelada metrica.. Diferença entre a agua salgada e a agua doce. Noção de densidade. Corpos mais ou menos densos que a agua.

Relação entre os diversos Estados do Brasil e do Brasil com o estrangeiro. Mercadorias importadas e exportadas, sujeitas a lucros, perdas, abatimentos, impostos.

Noção de percentagem. Armazenagem na Alfandega sujeita a um imposto, de acordo com o tempo — juros — A percentagem como regra de tres simples directa.

Regra de tres simples e composta. Redução á unidade e proporções. Pagamentos entre cidades distantes.

Trcca internacional de moedas — Cambio externo e interno — Systema monetarios — Conversões — Dinheiro brasileiro.

Transportes maritimos — navios e outras embarcações. Avaliação de distancias no mar e na terra — milha maritima — velocidade dos navios — milha horaria. Valor das milhas em metros — Legua terrestre e sesmaria — Valor das leguas em metros.

### Concretização

Exercicios variados sobre fracções ordinarias e decimaes.

Problemas sobre avaliação de superficies. Avaliação de volumes. Verificação pratica das densidades.

Exercicios e problemas sobre lucros, perdas, abatimentos e impostos.

Percentagem. Regra de tres simples e com-

posta. Resolução de problemas pelo methodo de redução á unidade e proporções.

Problemas sobre systema monetario, cambio externo e interno. Visita á Casa da Moeda.

Conhecimento do livro caixa das instituições escolares.

Excursão ao Cães do Porto — Problemas sobre avaliação das distancias no mar e velocidade dos transportes maritimos.

### Observação

Aspecto physico da região maritima. A sensação de immensidade que sentimos á vista de gravuras do mar.

O aparente encontro do mar com o ceu — linha do horizonte.

A côr da agua e a do ceu nas diferentes horas do dia.

A constante agitação das aguas.

O mar manso e o mar bravo.

A espuma do mar. O gosto da agua do mar. A temperatura das aguas.

### Associação

A quantidade dagua que ha no mundo. A massa liquida e solida do globo terrestre.

Os diferentes nomes dados ás aguas: oceano, bahia, golfo, rio, enseada. Os oceanos e os continentes. O mundo nos primeiros tempos. As grandes invenções.. O papel importante da bussula. Os grandes descobrimentos. Dificuldades da navegação a vela. As calma-rias, e correntes maritimas.

Forma da terra — Equador e polos — Origem do globo terrestre. Seu movimento em torno do Sol — Copernico — Systema planetario: heliocentrico. Os outros planetas e seus satelites — O ceu — as estrellas.

O azul e o verde dos mares. — A luz do sol sobre o mar: O amanhecer e o entardecer.

Porque o mar nunca está parado? Causas: movimentos da Terra em volta do sol e do eixo. As estações e a sucessão dos dias e das noites. A superficie do mar, perto ou longe do continente — mar litoraneo ou alto mar. As ondas. As marés — movimentos diarios e periodicos das aguas e reflexo. Preamar e baixa-mar. Lua — causa da maré. O barulho das aguas. As correntes maritimas. O mar de Sargaços. Porque o mar é salgado? Dnde nos vem o sal dos mares? A utilidade do sal na vida do homem. — As salinas. Os grandes centros salinos — Cabo Frio e Macau. — A costa brasileira. — O Atlantico.

A agua doce dos rios. Os grandes rios das Americas, da Europa, Asia, e Africa. As aguas equatoriais e polares — mares gelados. Os icebergs — O supposto continente no pólo.

sul. Antartida. Os navios quebra-gelo. A vida dos habitantes das regiões frias. Os esquimás. Os povos que existem do outro lado do mar.

Os mares conhecidos desde os antigos. As civilizações e o desenvolvimento dos povos através dos mares. Os povos mais navegadores e negociantes da antiguidade. Os outros povos antigos. Commercio com as Índias — Descoberta da força do vapor e sua applicação á navegação. O navio a oleo.

O velho e o novo mundo. Os antigos e modernos continentes e paizes — clima, produções e cidades principaes — Portos principaes — portos de commercio internacional — Costumes característicos dos povos.

#### Concretização

Visitas ás praias. Mapa mundi demonstrando a quantidade d'agua e de terra. Taboleiro de areia mostrando as diferentes denominações dadas ás aguas. Portos. Colecção de vistas maritimas de regiões proximas ou afastadas dos continentes. Mappa das viagens.

Eschema da forma da terra, do systema planetario.

Desenho do movimento da terra, marés, fases da lua e correntes marinhas.

Cartographia dos continentes e mares — o novo e velho mundo.

Excursão á Feira de Amostras.

#### Observação

A belleza e a grandeza do mar.

A profundidade do mar.

Seres que vivem no mar. As plantas marinhas.

Cor e sabor da agua do mar.

O reflexo do sol e demais astros nas aguas do mar.

A acção colorifica do sol sobre os liquidos. O mar e o céo em dias de tempestade.

### SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

#### Associação

Donde procede toda a agua do mar? A agua original do mundo — As chuvas em épocas remotissimas — Resfriamento dos gases, dando causa á formação das aguas.

O fundo do mar — Ausencia de luz — Sombra — Penumbra.

A vida no fundo do mar. Diferença da vida dos seres que dispõem de ar para a respiração. As rochas do fundo do mar. Historico dessas rochas. Os fosseis — Animais marinhos que vivem em conchas — Comparação dos vegetaes de vida maritima, com os de vida terrestre. Seres formados de uma só

cellula — unicellulares, accumulando todas as funções. Seres pluricellulares mais differenciados apenas de um talo. Algas e cogumelos — Classificação dos vegetaes.

A agua salgada — diferença entre a agua salgada e a doce.

Os saes da agua do mar — chloreto de sodio — Extracção em tanques cavados no litoral — Salinas — O sal gema — Os saes e sua formação. Relação dos saes com os acidos — Principaes acidos — Emprego dos acidos no commercio — Applicações domesticas do sal — Os alcalis, origem dos alcalis; suas applicações na industria.

Utilidade da agua doce. O banho diario. O banho do recém-nascido. Outros cuidados com o recém-nascido.

O mar como um grande espelho — Espelhos planos e curvos. Os raios luminosos incidindo sobre o mar. A agua como um meio transparente — as lentes e os prismas — Dispersão da luz — Espectroscopio. As cores simples, secundarias e complementares — Arco iris.

Evaporação da agua do mar. A agua dissolvida no ar. Vapor d'agua. Condensação dessa agua. As nuvens, neblinas e nevoeiros. As nuvens, origem das fontes e dos rios.

Observação das nuvens — o raio, o relampago, o trovão. Phenomenos electricos — Electricidade — Para-raios — O aquecimento desigual das camadas atmosphericas. Chuva, neve e saráiva.

A marinha como indice do poder e da mentalidade de uma nação. A marinha na antiguidade e na idade media. Os barcos a vela. Ventos. — sua origem e direcção — Cata ventos. — Anemometros — Classificação dos ventos. Aperfeiçoamento naval durante o seculo XIX — Applicação á navegação da força do vapor d'agua. Machinas a vapor e de explosão — Navios — Submarinos — Hydroplanos — A navegação desenvolvendo o commercio dos povos. A bussola, guia dos navegantes. As maravilhas do iman. Profissões maritimas — Os escaphandristas — sua orientação pelo som. Propagação dos sons nos diferentes meios — Som — suas qualidades e applicações.

#### Concretização

Desenho illustrado sobre a formação do mundo. Experiencia provando a origem da agua.

Construcção em cartolina demonstrando a sombra e a penumbra.

Visitas a aquarios onde se encontram seres que habitam o mar.

Desenho de um corte na crosta terrestre vendo-se os fosseis.

Herbarea de plantas marinhas.

Visita a um aquario.

Eschema da classificação dos vegetaes.

Taboleiro de areia com flóra e fauna marinha.

Construcção no taboleiro de areia duma salina. Quadro com amostras dos principaes saes, acidos e alcalis.

Colecção de lentes — Experiencias do prisma para provar a decomposição da luz.

Desenho de espelhos, mostrando a reflexão de raios luminosos — Experiencia em uma cuba com agua para mostrar a refração da luz.

Construcção do disco de Morton.

Atividade no mar.

Experiencia sobre a evaporação da agua.

Desenho das especies de nuvens.

Desenho dos phenomenos naturaes. Experiencia provando electricidade por atrito e por influencia. Construcção de um pendulo electrico. Colecção de bons e maus conductores de electricidade. A collocação de um para-raio. Construcção de uma pilha electrica.

Visita a navios. Album de colecção de navios da nossa Marinha Mercante e de Guerra. Album de varios typos de embarcação. Album sobre a historia da navegação através dos tempos. — Rosa dos ventos.

Construcção do cata-vento — Eschemas de funcionamento de motores. Desenho de uma bussola. — Experiencias com imans Experiencias sobre a produção e reprodução do som.

### DESENHO

#### Observação

A côr variavel do oceano.

Observação da linha do horizonte.

Reflexos na superficie das aguas.

Os pharoes, as boias, as fortalezas.

Animaes e vegetaes que vivem no mar.

### TRABALHOS MANUAES

#### Observação

Os peixes e outros animaes maritimos.

Aspecto das praias.

#### Associação

Tonalidade suave e mais ou menos homogénea, quando está calmo, tons mais fortes e grandes ondas quando revolto — estudo do colorido.

Mostrar aos alumnos como essa linha está sempre á altura dos olhos qualquer que seja a posição do observador, como diminuem de grandeza as embarcações á proporção que se afastam de nós — ligeira noção de paralelas em perspectiva.

A luz do sol, da lua e das estrelas, sobre o mar; reflexo dourado e prateado.

Elementos encontrados nas paisagens marinhas. Uma praia de banho. Vendas de peixe; os peixeiros; outros vendedores ambulantes — Os peixes nas feiras livres.

#### Associação

Camarões, lagostas, tainhas, etc..

O movimento suave das ondas nas praias — A espuma — As conchas — A areia branca — As redes — pescadores, etc.

#### Educação physica

Jógos — bola, jógos de bordo, water-polo, wolley-ball, exercicios physicos e outros imaginados pelos alumnos.

#### Musica

Effeitos orphenicos que imitam o som dos ventos, o rugir do grande mar, o escachar das aguas correntes, etc.

#### Concretização

Desenho do arco-iris.

Reprodução da vista em que se note bem a linha do horizonte.

Desenho de embarcações.

Copia de objectes que tenham rectas paralelas.

Desenho espontaneo, de imaginação e de memoria; paisagem marinha, uma praia de banho, etc..

Copia do natural de animaes ou plantas marinhas.

#### Concretização

Modelagem de peixes, botes, remos, etc.

Recorte e applicação em cartolina e panno, de navios e outras embarcações — pescadores. Modelagem no taboleiro de areia de uma scena de praia de banho.

COLLEÇÃO DO ANNO 1931-35

# d'A Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

**PREÇO** } encadernada :..... 16\$000  
 } em avulsos ..... 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A ESCOLA PRIMARIA

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

## A Constipação e a Função Biliar

Um preparado de alto poder eupeptico deve actuar principalmente sobre o estomago e sobre o duodeno que são os territorios mais importantes do trabalho digestivo.

Terminado o trabalho gastico de acidificação do meio (HCl), de peptonisação dos protides (pepsina), de isotonia, grao de concentração do meio liquido, o estomago em contracturas rythmicas faz lançar em pleno duodeno, atravez do pyloro relaxado, o chymo em porções regulares e intermitentes.

O duodeno é o theatro dos mais importantes phenomenos digestivos, pela convergencia das varias secreções, principalmente a hepatica e pancreatica.

Duodeno é um orgão de extrema sensibilidade, de inervação complexa a relacionada com todo o aparelho digestivo e com o systema nervoso central. O chymo só é lançado no duodeno quando attinge o seu maximo de acidez physiologica (em media 1°/00), mas cahe em pleno meio alcalino que neutraliza a sua acidez para iniciar a chylificação.

A secreção biliar, uma das multiplas funcções do figado, entra em scena para representar os papeis, de antiseptico, lubrificante e estimulante da fibra lisa e corante das fézes. A bile provem directamente da glandula hepatica ou do seu reservatorio, a

vesicula, atravez dos canaes que se abrem no duodeno, pelo esphincter de Oddi.

Ora, o systema de canaes e a vesicula do figado tem entretanto muitas possibilidades de serem invadidos pela flora do intestino; a propria glandula hepatica, muitas vezes insufficiente, não secreta o bastante e nem sempre fncciona com a necessaria regularidade.

Essa diminuição de cholerése dá lugar a varios symptomas que mesmo no aspecto menos grave os autores reuniram sob a denominação de *hepatismo*. O mais commum e aparente desses symptomas, é a prisão de ventre, o reseccamento, a emissão insufficiente de fézes com um terrivel e conñecidissimo cortejo de consequencias.

Entretanto, a prisão de ventre, por ser um dos soffrimentos mais communs, deu lugar naturalmente a uma enorme producção de medicamentos, na maioria dos casos, empiricos, sem um fundamento physiopathologico, aggravando constantemente o estado causal mecano chimico das atonias do intestino.

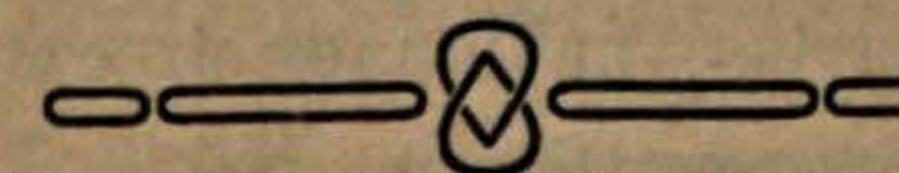
Qualquer medicação scientifica contra a prisão de ventre deve visar dois fins:—1°.— estimular os systemas glandulares digestivos, especialmente a cholerése; 2°.— augmentar a cinetica do tubo digestivo, estimulando o peristaltismo.

E' o que realiza admiravelmente a composição de *«peptol»*, cujo estudo tivemos occasião de evitar a V. Excia. em communicação anterior.

O emprego de *«peptol»* nos dyspepticos, nos constipados astenicos, trará a V. Excia. os melhores sesultados.

### Assistencia Dentaria Escolar

*Chamamos a attenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios. que a CASA CIRIO offerece em optimas condições*



Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

**CASA AZAMOR**

RUA DO OUVIDOR, 55 — TEL. 23-0249 — RIO DE JANEIRO

UNIFORMES. Blusa, 5\$000 — Saia, 4\$000 — Calças, 3\$000

— Meninos, completo 8\$000 — Meninas, completo 9\$000.

ALPERGATA AZAMOR. 18 a 26, 3\$300 — 27 a 32, 4\$300 — 33 a 40, 5\$300

## A sua casa propria V. S. póde obtel-a pelo nosso Plano

Novo de construcção, com as maiores garantias de Arte, Solidez e Commodidade. — — **PO R Q U E**

- converteremos simples inquilinos em proprietarios;
- construímos directamente com nossos operarios;
- dispomos de peritos em construcção;
- construímos com ARTE E SOLIDEZ;
- a garantia do cliente é a garantia do nosso capital;
- a nossa organização financeira permite reduzir o custo da construcção;
- vendemos pelo prazo que convier ao cliente;
- as mensalidades equivalem a um aluguel, dependendo do prazo estabelecido;
- a nossa responsabilidade não termina com a entrega da casa; subsiste por muitos annos;
- ajudamos a cancellar a divida antes do prazo estipulado.

«LAR BRASILEIRO» constróe em terreno de propriedade do comprador da casa, desde que esteja situado em logar dotado de boas communicações e serviços publicos. O valor do terreno é computado na entrada inicial de 20 %.

### “LAR BRASILEIRO”

— ASSOCIAÇÃO DE CREDITO HYPOTHECARIO —

RUA DO OUVIDOR, 90

RIO DE JANEIRO

**Casa Orlando Rangel**

DROGARIA E  
PERFUMARIA

**Rangel Costa & Cia.**

Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

*A que mais barato vende perfumarias*

# ECONOMIZAR...

*E' preferivel gastar e garantir o futuro..*



**H**A homens que economizam como as creanças... Estas vão juntando todos os nickéis que podem... De repente, não resistem á tentação de uma espingardinha, e logo se vae todo o cofre-sinho... Ha homens assim. Vão economizando com o pensamento dirigido no futuro dos filhos. Um dia, porem, apparece um negocio “vantajoso” e carrega todas as reservas...

Isto prova que, economizar pelo simples habito de guardar dinheiro não pode satisfazer a quem vive do trabalho. Nesta situação, o melhor meio que se tem para deixar garantido o futuro, é fazer um seguro de vida. Um seguro pode ser feito em qualquer importancia. Ha planos para todos os bolsos. Para o Snr. ter um seguro protegendo sua esposa e seus filhos, tudo depende da sua vontade de estudar o assumpto e determinar o plano mais conveniente. Chame á sua casa um Agente da Sul America, e deixe que esse homem, experimentado em mil e um casos como o seu, lhe explique

as facilidades do seguro de vida. Os Agentes da Sul America são pessoas de absoluta idoneidade e treinados nesse mister. Milhares de pessoas, no Brasil, viram que podiam garantir o futuro de suas familias, depois que se avistaram com os Agentes da Sul America

**Nisto se começa a resolver seu caso!**

Preencha este coupon e mande-o á Sul America, hoje mesmo para receber, gratis, um folheto com uteis informações sobre o seguro de vida.



**A' SUL AMERICA**

Caixa Postal 971 — RIO DE JANEIRO  
E2

*Desejo receber, gratuitamente e sem qualquer compromisso — o folheto sobre seguro de vida.*

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

# Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

## SERIE FIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Cartilha Analitica.....	1\$800
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos)	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$500
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil